



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## SEXUALIDADE NA ESCOLA

Virgínia Cavalcanti Pinto

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

*Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP: [giniapinto@yahoo.com.br](mailto:giniapinto@yahoo.com.br)*

*Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP: [crisamaz@gmail.com](mailto:crisamaz@gmail.com)*

### Resumo

Este trabalho versa sobre o tratamento dado às questões da sexualidade numa Escola Estadual da cidade do Recife. Contribuíram para o estudo professores, mães e alunos do Ensino Médio da referida escola. A sexualidade é tomada aqui como algo que transcende a esfera corporal, sendo o seu estudo norteado pela perspectiva pós-estruturalista e, sobretudo, pela produção de Michel Foucault. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que toma o método analítico interpretativo de Foucault, em que este é compreendido como uma maneira de indagação, assim como um agrupamento de estratégias analíticas de descrição. Foram utilizados dois instrumentos: a observação participante e a realização de entrevista de grupo focal. Na referida escola, a abordagem ao assunto sexualidade é regulada, sendo suas temáticas tratadas por um viés prioritariamente biológico. As demandas em relação ao tema recaem sobre o professor de Biologia, apontado como profissional habilitado a tratá-las. Considerar a relação que o docente tem com o tema e como o desenvolve junto a seus alunos foi um ponto importante nesse trabalho, pois consideramos que nenhum conhecimento é produzido de forma neutra. Para a maior parte dos participantes a discussão sobre sexualidade na escola volta-se para a prevenção de doenças que atinjam o corpo. Reconhecem que abordar abertamente o assunto não é tarefa simples, pois ao tratar questões referentes à sexualidade as pessoas também visitam sua intimidade. O tratamento reducionista dado à sexualidade se distancia das demandas dos participantes sobre o tema, assim como de uma perspectiva de problematização social e política.

Palavras chave: sexualidade, escola, corpo.



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## Introdução

A confecção deste trabalho é decorrente de uma tese de doutorado que problematiza os sentidos atribuídos por professores, mães e alunos do Ensino Médio de uma Escola Estadual da cidade do Recife, acerca do tratamento dado às questões da sexualidade na escola. Neste trabalho, limitaremos a abordagem ao tema, restringindo-nos à maneira pela qual a comunidade escolar compreende a discussão da sexualidade na instituição. Para tal, tomamos a perspectiva teórica pós-estruturalista em que a produção de Michel Foucault é adotada como referência para a construção das discussões, assim como são consultados outros autores que dialogam com ela.

A sexualidade aqui pontuada não é tomada como algo “natural” tampouco está ancorada exclusivamente no corpo, mas o perpassa e o transcende, sendo compreendida “não apenas como uma questão pessoal, mas social, histórica e política” (LOURO, 2010, p.11). É preciso considerar que há em torno da compreensão da sexualidade uma construção de sentidos que se revela numa rede social tecida num universo cultural diversificado.

Segundo Foucault (2010) a sexualidade é um “dispositivo histórico”, ou seja, se constitui no movimento dinâmico da história, sendo uma invenção social de um determinado tempo. Sua constituição se dá a partir das construções no campo discursivo sobre o sexo que abarca os saberes sobre ele, bem como sua normatização e regulação social através das produções de verdades (LOURO, 2010).

Atualmente, divulgações epidemiológicas regionais – Secretaria de saúde do Recife (2014) e federais – Ministério da Saúde (2014) atestam que as práticas sexuais dos jovens ainda geram conseqüências danosas aos mesmos. Algumas delas de caráter nocivo quando envolvem a própria saúde destes sujeitos, através da contaminação por alguma doença sexualmente transmissível. Outras quando são “surpreendidos” por uma gravidez num momento inesperado da vida, por exemplo.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A diversidade da demanda atual sobre os temas da sexualidade atrelada a discussões sobre prevenção e cuidados com a saúde, assim como com o modo pelo qual estas questões repercutem subjetivamente nos envolvidos na discussão, justificam a abordagem ao assunto sexualidade, e seus desdobramentos, no contexto escolar. A referida instituição é convocada a participar da discussão por ser um lugar entremeado por discursos de verdade que são legitimados pelo saber científico, lugar em que acontecem transmissões de conhecimento e, conhecer, é produzir conceitos que reduzem o diferente ao igual. (AMAZONAS; LIMA; SIQUEIRA; ARRUDA, 2008). Entretanto, nenhum conhecimento é neutro, todo ele é produzido em um campo de forças. Quem o produz está em uma posição de poder dizer: é isso, é assim que as coisas são (SILVA, 2002).

A escola fabrica sujeitos através do modo como seus discursos de verdade são disseminados, tornando-se regulatórios a partir do que se estabelece como norma social vigente. Nesse sentido, a produção de discursos de verdade não está dissociada do poder, uma vez que este dita a lei sobre os temas relacionados à sexualidade. Assim, o poder estabelece a regra, através da linguagem, do discurso, ou melhor, “por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra” (FOUCAULT, 2010, p. 94).

Quando a escola é legitimada a interferir sobre a sexualidade, ela intervém na vida do corpo, da espécie, na saúde individual e coletiva, na vida de professores, de alunos e dos que fazem a comunidade escolar em geral (NARDI; QUARTIERO, 2012). Assim, ela passa a intervir na organização e regulação das pessoas, colocando-se numa perspectiva de ordenação.

Quando nos propomos, neste trabalho, a compreender como a comunidade escolar entende a discussão da sexualidade na instituição estamos lidando com as diversas construções dos participantes sobre o tema, a partir de interpretações que fazem sobre o assunto. Não se trata de uma relação linear, tampouco cartesiana de imaginar que uma interpretação resulta em um sentido específico, pois tanto o sentido como a interpretação



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

perpassam um caminho de releituras, novas significações e que não se constrói sozinho, mas atrela-se a um campo de forças contextualizado historicamente.

### **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que toma o método analítico interpretativo de Foucault. Esse método analisa o rigor e o sentido do homem, diferenciando-se do estruturalismo ou da hermenêutica ao evitar, em sua análise, a busca por uma significação oculta profunda e o respaldo da teoria (DREYFUS; RABINOW, 2010).

Para Faé (2004), o método analítico interpretativo trabalha com dois movimentos em oposição que apresentam duas formas de sujeição demarcadas. Uma delas consiste na tentativa de individuação das pessoas diante das exigências do poder e a outra versa sobre a tentativa de se prender cada indivíduo a uma identidade determinada. A dinâmica desses movimentos busca analisar como somos, investigando, para isso, nossas práticas de subjetivação.

Ao denominar a metodologia que vamos adotar de analítica interpretativa estamos considerando, assim como Foucault, que tudo é interpretação. Para este autor não é possível concluir uma interpretação, simplesmente porque não há o que interpretar. Tudo é desde já e sempre, interpretação, não existe um ponto primeiro a ser interpretado. Cada signo é sempre a interpretação de outro signo (FOUCAULT, 2011).

Nesse sentido, não buscamos neste trabalho um único discurso ou uma compreensão universal sobre a sexualidade na escola, tampouco um discurso verdadeiro ou fundante sobre o tema, pois ao adotarmos a perspectiva interpretativa estamos considerando que toda interpretação é uma interpretação da interpretação, sendo a apreensão da realidade um produto das interpretações produzidas pelas pessoas.

Contribuíram para esta pesquisa professores, mães e alunos de uma escola pública da cidade do Recife. Estes últimos cursavam os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio e possuíam idades entre 15 e 30 anos. O intuito foi reunir em grupos alunos, pais e professores para participarem de uma entrevista de grupo focal e assim dialogarem sobre a temática proposta: sexualidade na escola.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A participação dos pais na escola era um evento escasso. Tanto é que apenas dois registros foram feitos da ida de mães à escola no período do desenvolvimento desta pesquisa. Além disso, a escola parecia ser um lugar predominantemente feminino, pois os pais, homens, não foram vistos em nenhum momento. Então, nos coube abordar às mães. Mesmo assim, a diretora da escola já nos havia prevenido anteriormente que, mesmo em relação a elas, a aproximação seria difícil, pois se esquivavam da participação da vida escolar dos filhos.

À medida que os participantes aceitaram a proposta foi solicitado que os mesmos assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE que permitia o uso do conteúdo das entrevistas para análise. No caso dos alunos menores de idade foi pedido que seus pais assinassem o referido termo. Os participantes foram informados que suas identidades seriam resguardadas de modo a não poderem ser identificados, assim como poderiam, a qualquer momento, desistir de participar do estudo.

Os professores pareciam estar muito desgastados com suas condições de trabalho, mas mesmo assim ressaltavam a importância da educação e o esforço que faziam para serem educadores já que, dentro de suas compreensões, ser um educador compreendia ter uma atuação mais ampla do que a de um professor, mesmo que a eles não fosse destinado o devido reconhecimento.

A escola onde o estudo foi realizado pertence à Gerência Regional de Educação Recife Sul. A escolha por essa regional atrelou-se a um contato que facilitou nossa entrada no campo – critério de conveniência (TURATO, 2008). A escolha da escola em questão teve como critério de inclusão o seu funcionamento em mais de um turno, ser de grande porte – de acordo com os critérios da Gerência Regional de Educação que versa sobre estrutura da escola e número de alunos – para favorecer nosso acesso aos participantes, assim como oferecer os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, para que tivéssemos acesso a alunos na fase do desenvolvimento da adolescência. A escolha da escola também foi definida pelo critério de conveniência, fazendo parte do estudo aquela que primeiro aceitasse participar diante de nosso convite.



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

Foram utilizados dois instrumentos: a observação participante e a realização de entrevista de grupo focal. A escolha por eles ocorreu pela tentativa de abarcar de modo mais amplo possível a maneira como os participantes se relacionavam no contexto do estudo, tanto de forma particular ou em conjunto, buscando observar em profundidade, as particularidades que atravessavam estas relações, assim como intervir de forma reflexiva quando necessário.

Na observação participante, o pesquisador se insere no grupo investigado, por períodos de tempo e passa a vivenciar a experiência no local do grupo estudado. Isso permite ao pesquisador compreender a organização do grupo, bem como suas relações, comportamentos, valores e crenças (CARMO; FERREIRA, 1998).

A observação participante aconteceu na escola no período de um mês, em diferentes salas de aula e em distintas disciplinas antes da realização das entrevistas de grupo focal. Estar inserida na escola e nas salas de aula sem estabelecer diálogo com os alunos causou certo estranhamento inicial. Porém, à medida que o tempo passava, eles se mostravam acostumados com a presença da pesquisadora que já não era mais estranha e sim familiar.

Para Gatti (2012), o grupo focal se refere a um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas para discutir um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal. Há, nesse sentido, o interesse no que as pessoas pensam e expressam, além de em como elas pensam e porque pensam o que pensam.

A entrevista de grupo focal consiste numa entrevista com um pequeno grupo de pessoas sobre um tópico específico. Em regra, os grupos são formados por 6 a 8 pessoas que participam da entrevista por um período de 30 minutos a duas horas (FLICK, 2009).

Optamos pela realização da entrevista de grupo focal com mais de um grupo composto por mães, professores e alunos. A o todo tivemos a composição de cinco grupos. Acreditamos ter sido esta a configuração mais rica a ser explorada, pois, entre outros aspectos, apresentou a vantagem da observação sobre as relações de poder constituídas na hierarquia entre estes participantes.

Os registros dos dados produzidos nesta pesquisa foram vistos, lidos e relidos de modo que seus conteúdos fossem analisados sob uma perspectiva de rede, sendo esta tecida por



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

práticas discursivas e não discursivas que fazem parte do contexto de questionamentos sobre a sexualidade no contexto escolar. Não existiu a expectativa, a partir desta análise, de encontrar um discurso unificado, (in)correto ou (in)apropriado sobre o tema, mas descrever os caminhos apresentados de construção de sentidos abrindo este campo para novas possibilidades.

### **Resultados e Discussão**

Em nossa escola de estudo o tema sexualidade tem sido abordado distanciando-se da singularidade e contextualização da realidade de sua comunidade, ou seja, tratando apenas de questões relativas à prevenção de doenças sem lidar com outras demandas relativas à sexualidade que fazem parte do cotidiano dos alunos, como o desejo, o interesse e as relações entre pessoas do mesmo sexo e a escassez de diálogo com as figuras de formação, pais e professores. O que se percebe com isto é que a discussão proposta pela instituição escolar parece restringir o tema proposto à sua concepção técnica, sobretudo preventiva.

Além disso, o assunto sexualidade trabalhado na escola privilegia a regulação do sexo e a ocultação da sexualidade, esquecendo-se de que o corpo a ser “educado” sexualmente não se encerra nele mesmo, pois além de entremeado de elementos subjetivos, faz parte de uma cultura que o significa e o modifica. (LOURO, 2010).

Considerar a sexualidade por uma perspectiva instrumental não deixa de ser uma estratégia pedagógica para lidar com a questão, mostrando sutilmente a atuação das relações de poder. A configuração deste tipo de intervenção da escola nos dá pistas de como a mesma compreende o tema ou pelo menos tenta mantê-lo: prioritariamente, próximo ao corpo. O que se tem hoje parece ser a estruturação de uma “pedagogia da sexualidade” que tenta “ensinar” a prática do sexo de forma segura, restringir a sexualidade à ancoragem corporal e, mais que isso, mantê-la em constante vigilância.

*“É muito melhor fazer (sexo) se protegendo do que morrer, ficar doente ou perder o pinto, como eu digo aos meninos: vai dar um pulinho, o pinto cai no outro dia, plastifique o bichinho, cuidado para não vir um filhinho, quem pega bucho pega AIDS, são frases que eu uso porque é importante”.*

(Professor de Português do grupo 02)



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Apesar da tentativa de controle da discussão do tema sexualidade, a apresentação de demandas em relação aos seus conteúdos é recorrente e recaem, sobretudo, sobre o professor da disciplina de Biologia, considerado pela comunidade escolar como profissional habilitado a tratar o assunto. Porém, a abordagem ao tema ainda está voltada para as questões de trato físico da sexualidade, na verdade voltada, prioritariamente, para o desenvolvimento das relações sexuais. O diálogo ainda perpassa o corpo, distanciando-se do trato da sexualidade como uma questão política.

*“Eles me contavam o que tinham feito no final de semana e perguntavam: é perigoso o que eu fiz? Ai eles fazem perguntas assim, tipo: sexo oral, eu posso pegar alguma doença no sexo oral? E se você fizer com dois ao mesmo tempo? E se eu estiver com uma cárie no dente e ele tiver AIDS e eu fiz um sexo oral e aí? E alguma cirurgia que eu fiz... mas era assim: vem cá e juntava aquele grupinho”.*

(Professora de Biologia do grupo 02)

O modo como o saber sobre o corpo é disseminado socialmente interfere no modo como as pessoas desenvolvem suas práticas. O biopoder mantém sob vigilância e controle não só o comportamento das pessoas, mas faz repercutir sobre suas subjetividades uma obediência a modelos de relacionamentos considerados saudáveis ou apropriados.

Considerar a relação que o docente tem com o tema sexualidade e como o desenvolve junto a seus alunos é um ponto de observação importante para esse estudo, pois, nenhum conhecimento é neutro, todo ele é produzido em um campo de forças. Quem o produz está em uma posição de poder dizer: é isso, é assim que as coisas são (SILVA, 2002). Assim, ao falar sobre sexualidade o docente, de Biologia ou não, imprime a sua própria posição de sujeito na abordagem destas questões e imbrica-se na produção de modos de subjetivação dos discentes.

As práticas discursivas dos nossos professores participantes têm contribuído para o olhar médico biologizante da sexualidade em que o medo das conseqüências, como a gestação ou a contaminação por DSTs, parece ser o grande trunfo na relação de poder entre eles e seus



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

alunos. Tendo em vista que ressaltar as possibilidades de “danos” parece se constituir como dispositivo de controle nessas relações.

*Você tem que querer uma educação sexual que fale da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e trabalhar o que seria cada uma delas, entendeu? E tem que dizer pro aluno que a coisa não é simples não, dizer que o bicho vai pegar mesmo e que você vai sofrer muito e que você vai gastar grana para poder se tratar e que você pode até chegar a óbito, né? E a camisinha é um meio de se evitar o risco. O que a escola tem que fazer é mostrar o caminho mais seguro para você ter menos riscos e sofrimentos.*

(Professor de Sociologia do grupo 03)

A ameaça à vida e a ênfase em riscos e conseqüências se configuram como dispositivos de controle da dinâmica de relação desses corpos. Mais uma vez constatamos as linhas de força que compõem o dispositivo. A relação entre poder e saber pode ser observada de modo sutil nessa fala, já que ao conhecer os danos, mostrar os caminhos corretos e diretivos para uma prática sexual segura, apresenta-se uma força invisível que regula tais comportamentos, reduzindo-os a uma perspectiva focada no cuidado corporal. “O poder, que é interior ao dispositivo e variável junto a ele, é também uma linha composta com o saber, tal como o poder” (DELEUZE, 1990 p. 158).

Não é só para os professores que a sexualidade recebe um tratamento reducionista, as mães também apresentam posturas semelhantes na abordagem ao assunto como pontua a mãe 02 do grupo 01: *Se a gente (pais) conseguir conversar com eles (filhos) vai ser melhor porque vai evitar que aconteçam coisas piores como uma gravidez, né?*

Para a maior parte dos participantes a discussão sobre sexualidade na escola deve acontecer, mesmo que prioritariamente voltada para a questão da prevenção do corpo. Porém, reconhecem que abordar abertamente o assunto não é tarefa simples. Ao tratar de questões referentes à sexualidade as pessoas também visitam sua intimidade, suas experiências e vivências que podem ou não facilitar o processo de diálogo sobre o tema.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

*Nem todas as pessoas conseguem falar sobre isso. Seria bom se toda mãe conseguisse falar com a filha, os pais com os filhos, pá agora é pá, as coisas como é que acontecem... a 1ª vez, porque tem muita menina que já engravida logo de primeira*

(Aluna 01 do grupo 04)

A fala da aluna destaca a dificuldade em falar sobre sexualidade e parece restringir o assunto ao ato sexual. A prevenção, por sua vez, novamente aparece como possibilidade de que nenhum resultado inesperado apareça. Fala sobre os ensinamentos que devem receber como se esses se apresentassem de forma generalizada, como se fosse um manual em que as ações são reproduzidas ao longo do tempo.

### **Conclusão**

O modo como os participantes compreendem a discussão do tema sexualidade em nossa escola de estudo ainda é bastante reducionista em relação à amplitude de perspectivas que o assunto pode ser tratado, sobretudo, por um viés político e social.

A prevenção é a prioridade do discurso na escola no tocante à sexualidade. Na verdade mães e professores parecem estar mais atentos às relações sexuais dos alunos porque é através delas que podem advir conseqüências, sobretudo a gravidez e a contaminação por DSTs, capazes de transformar negativamente a vida dos mesmos. Mães e docentes tratam a sexualidade com ressalvas indicando sempre a necessidade do jovem “se cuidar, se defender dos perigos que ela traz”, admitindo que a sexualidade parece ter um caminho reto a ser seguido, etapas a serem vivenciadas sempre com muita cautela e supervisão, mas sem ênfase em reflexões e problematizações.

Pais não querem ter seus filhos envolvidos com uma gestação num período considerado por eles precoce da vida. Professores não gostariam de ter seus alunos nessa mesma situação, uma vez que provavelmente isto comprometeria seu percurso acadêmico. Entretanto, pais e professores parecem não considerar que o filho/aluno em questão possa passar positivamente por uma situação adversa ocasionada por conta de uma relação sexual desprotegida. Essa possibilidade não é cogitada pelos participantes.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, adotando o discurso de verdade de que a sexualidade é algo de que se deve se defender, o discurso preventivo passa a não ser monopolizado apenas por mães e professores. Os alunos também o reproduzem e tomam para si esta idéia de defesa em relação ao assunto.

A restrição da abordagem ao tema a uma via biológica se constitui como uma negação, aos envolvidos da comunidade escolar em questão, a possibilidade de rompimento com modelos instituídos social e historicamente sobre compreensão e condutas acerca da sexualidade.

### Referências

AMAZONAS C.; Lima, A. O.; Siqueira, D. C.; Arruda, G. F. Representação de família e material didático. In: **Revista Interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology**. Vol. 42, nº 2, p.1-9. 2008.

CARMO, H.; FERREIRA, M. M. **Metodologia da investigação guia para a auto-aprendizagem**. Lisboa, Ed. Universidade Aberta. 1998.

DELEUZE, G. Que és um dispositivo? In: **Michel Foucault: filósofos**. Barcelona: Gedisa, p. 155-161. 1990.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FAÉ, R. A genealogia em Foucault. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 409-416, set./dez. 2004.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa**. São Paulo: ARTMED, 2009.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo, Graal, 2010.

\_\_\_\_\_ (1970) **A ordem do discurso**. 21ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 2011.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2012

LOURO, G.L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Dados Epidemiológicos da Adolescência. In: **www.datasus.gov.br**. Acesso, jun 2014.

NARDI, H.C; QUARTIERO, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. In: **Sexualid, salud y sociedad**. Revista latinoamericana. ISSN 1984-6487/ n.11 p. 59-87. Ago. 2012.

SECRETARIA DE SAÚDE DO RECIFE. Dados epidemiológicos da sexualidade adolescente. In: **www.recife.pe.gov.br** . Acesso ago 2014.

SILVA, T. T. Dr. Nietzsche curricularista: com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: Moreira, Antônio Flávio Barbosa Moreira; Macedo, Elizabeth Fernandes de. (orgs.). **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Porto: Porto Editora, 2002.

TURATO, E. R. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa**. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.